



4281 - Trabalho Completo - XXIV Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste - Reunião Científica Regional da ANPEd (2018)
GT07 - Educação de Crianças de 0 a 6 anos

REPRESENTAÇÕES DE MASCULINIDADES E FEMINILIDADES DELINEANDO IDENTIDADES DE GÊNERO ENTRE MENINOS E MENINAS EM CONTEXTO DE EDUCAÇÃO INFANTIL

Ericka Marcelle Barbosa de Oliveira - UFAL - Universidade Federal de Alagoas

Lenira Haddad - UFAL - Universidade Federal de Alagoas

Agência e/ou Instituição Financiadora: FAPEAL

RESUMO

O presente artigo apresenta um recorte de uma pesquisa de mestrado em Educação defendida no ano de 2015. Caracterizado como uma pesquisa *com* crianças, o estudo buscou investigar como o gênero é vivido, significado e representado pelas crianças, em contexto de educação infantil. Para tanto, a pesquisa apoia-se em metodologias interpretativas (GRAUE; WALSH, 2003; CORSARO, 2011; 2009), tendo sido realizada com um grupo de treze crianças com idades entre quatro a seis anos, sendo cinco meninos e oito meninas de uma turma de segundo período de uma instituição de educação infantil da cidade de Maceió/Alagoas. A partir das relações estabelecidas entre as crianças no contexto pesquisado, no recorte deste trabalho têm-se como proposta de análise a interação dos meninos e das meninas entre o próprio gênero, na tentativa de conhecer particularidades, diferenças e semelhanças nos modos como os meninos vivem masculinidades e as meninas vivem feminilidades entre o grupo de crianças investigado.

PALAVRAS-CHAVE: educação infantil; identidade de gênero; reprodução interpretativa.

1. INTRODUÇÃO

Neste estudo é apresentado um recorte de uma pesquisa de mestrado que teve por objetivo investigar como o gênero é significado e representado pelas crianças, quais conhecimentos, saberes e elementos sociais e culturais são atuantes nesse processo de construção do gênero e como as crianças usam o que sabem e aprendem sobre esses elementos nas interações e relações sociais que estabelecem com seus pares e com os adultos e contexto de educação infantil.

Caracterizado como uma pesquisa *com* crianças, o estudo apoia-se em metodologias interpretativas (GRAUE; WALSH, 2003; CORSARO, 2011; 2009) e foi realizado com treze crianças de quatro a seis anos de idade, sendo cinco meninos e oito meninas, de uma turma de segundo período de uma instituição de educação infantil da cidade de Maceió/Alagoas.

Na fase de geração de dados foram utilizados quatro procedimentos metodológicos: oficinas de brincadeiras, realizadas em um ambiente estruturado com brinquedos distribuídos em áreas de interesses como casinha, brinquedos e beleza e fantasias; oficinas de conversas com as crianças sobre as brincadeiras realizadas; oficinas de conversas a partir de cenas do filme "O menino do vestido cor de rosa"; oficinas de conversas a partir de imagens de homens e mulheres em situações que contrariavam estereótipos de gênero. Todas as sessões das oficinas foram videogravadas e posteriormente transcritas. Os dados foram apresentados por meio de episódios recortados das videogravações das diversas sessões de oficinas relativas aos quatro procedimentos de geração de dados utilizados.

Nas *rotinas do brincar*, identificou-se que os meninos e as meninas brincaram juntos na maior parte das vezes. Entretanto, também foi possível perceber diferenças nos modos como as meninas e os meninos organizaram suas práticas de brincadeiras intra-gênero, a partir de sua dimensão corporal (BUSS-SIMÃO, 2012), evidenciando imagens plurais de masculinidades e feminilidades.

No recorte deste artigo, as análises estarão centradas em episódios que evidenciaram particularidades, semelhanças e diferenças quanto aos modos como as meninas constroem as suas feminilidades entre as meninas e os meninos constroem suas masculinidades nas interações estabelecidas com o próprio gênero dentro do grupo de pares, mediadas por informações reinterpretadas da cultura adulta.

Neste sentido, este estudo adota a perspectiva da Sociologia da Infância de Corsaro (2011), de que as crianças têm culturas infantis singulares, construídas não de uma simples imitação do mundo adulto, mas sim da produção de significações próprias e da apreensão criativa de informações do mundo adulto de forma a atender aos seus interesses enquanto crianças.

Considerando o gênero como uma categoria histórica, social e culturalmente construída, o gênero pode ser visto como algo que os sujeitos sociais "fazem", e não como algo que eles "têm", naturalmente. Como assinala Louro (2011, p. 29, grifo da autora), "a ideia é perceber o gênero *fazendo parte* do sujeito, constituindo-o". Ou, ainda, o sujeito fazendo o gênero.

Assim, como atenta a Buss-Simão (2012), acompanhar e compreender, a partir da perspectiva das crianças, como esse processo de "fazer gênero" é vivido e significado por elas, torna-se essencial para os estudos sociais da infância, do mesmo modo que compreender os usos que as crianças dão aos conhecimentos sobre gênero nas relações que estabelecem entre elas e também com os adultos.

2. PARTICULARIDADES, SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS NOS MODOS DE SER MENINA E SER MENINO

Ao estudar as questões de gênero entre crianças pequenas, Thorne (1993) afirma que é preciso que se supere o dualismo do masculino versus feminino e a ideia de mundos separados e diferentes entre meninos e meninas, buscando analisar as lógicas de ação dentro de um mesmo grupo.

Nesse sentido, têm-se aqui como proposta de análise a interação dos meninos e das meninas entre o próprio gênero, na tentativa de conhecer particularidades, diferenças e semelhanças nos modos de ser menina e de ser menino no grupo de crianças pesquisado.

Particularidades entre as meninas

Durante as brincadeiras, foram frequentes entre as meninas do grupo pesquisado atividades de partilha de uma cultura feminina, como as *rotinas de vestir e enfeitar* (FERREIRA, 2002), relacionadas a usar os vestidos "de baile" e de "casamento", maquiarse e usar sapatos de salto, compondo, através do faz de conta, uma imagem de feminilidade ligada à beleza e à vaidade.

Uma situação que se repetiu com diferentes enredos entre as meninas no grupo de pares foram as rotinas de brincadeiras de casamento, marcadas pelo uso de um vestido de tule branco, considerado pelas meninas como um vestido de noiva, e um conjunto de saia de tule e blusa brancas. As brincadeiras de casamento tiveram repertórios variados, ora estavam ligadas à cerimônia de "casar-se", ora a de apenas permanecer enfeitada como noiva enquanto maquiavam-se ou cozinhavam.

Episódio 1: "Roupa pra casar"

Crianças envolvidas no episódio: Liana (5,7), Mariana (5,2), Soninha (5,9)

[...] Segurando uma boneca nos braços, Liana aproxima-se das fantasias e mexe em um véu que está junto com algumas roupas no varal. Depois, tenta se equilibrar enquanto calça uma sandália de salto. Mariana se aproxima de Liana, tocando violão. Ela toca o véu que está no varal, dizendo para Liana: "*Óia casamento!*" Mariana mexe por alguns instantes no véu. Liana calça um sapato preto de salto e diz: "*Óa!*" Dá gargalhadas, anda em direção ao espelho, se olhando e sorrindo. Mariana olha para Liana e sorri. Liana anda pela sala equilibrando-se sobre o sapato de salto e segurando a boneca nos braços. Ela sorri e diz: "*Eu tô de salto alto!*" Ela anda até o espaço da cozinha em direção à Soninha, e fala: "*Ó Soninha!! Soninha!*" Soninha diz: "*O quê?*" Liana chama o nome de Soninha e lhe mostra o sapato que está calçada. Liana e Soninha dão risadas. [...] Depois, Liana aproxima-se do espelho, olha-se rapidamente e vai até o varal de fantasias. Ela toca no véu e diz: "*Roupa 'pa' casar!*" [...] Liana retira do varal um cabide contendo um vestido de tule branco e detalhes na cor marrom [...] Ela mostra o vestido e o véu para Mariana: "*Óah, eu vou casar! Casamento!*" Anda em direção ao espelho segurando o véu e o vestido e diz: "*Hoje eu vou casar. Óah, óah, óah!*" [...] Liana olha os objetos na penteadeira e diz: "*A maquiagem?*" Liana coloca o véu no chão. Mariana pega o véu e o põe na cabeça. Em seguida, aponta para o estojo de sombras na penteadeira e diz: "*Ó aqui ô, Liana!*" Liana encontra a maquiagem na penteadeira, mostra à Mariana e aos outros colegas e fala alto, parecendo empolgada: "*Ó maquiagem! Maquiagem!*" Mariana retira o véu e pergunta à pesquisadora: "*Ó tia, a Liana pode colocar a maquiagem?*" Liana dá gritinhos e diz: "*Vou passar é tudo!*" [...] (1ª Sessão – Oficinas de brincadeiras - 19/05/2014).

O episódio em destaque corresponde à primeira sessão da Oficina de brincadeiras das crianças na brinquedoteca. Nesse sentido, as ações de Liana e Mariana são de exploração do espaço e reconhecimento dos objetos que estavam disponibilizados nas áreas, o que causa excitação principalmente em Liana, ao perceber que artefatos como a maquiagem e as fantasias estavam disponíveis para que elas fizessem uso deles, como é possível observar no trecho em que ela demonstra empolgação e divertimento ao exibir o sapato de salto com o qual que está calçada. Na situação retratada, Liana pega o véu e diz que é uma "*Roupa 'pa' casar!*". A forma do vestido, seu tecido e sua cor carregavam uma marca simbólica de gênero que foram logo associadas a um vestido de casamento pelas meninas, assim que chegaram ao espaço da brinquedoteca.

A partir de um intenso envolvimento nessas *rotinas de vestir e enfeitar* nas brincadeiras de casamento ao longo das sessões das Oficinas de brincadeiras, pôde-se perceber que as meninas se apropriam, reproduzem, recriam e partilham entre si esse ritual idealizado do mundo feminino de forma interpretativa.

Semelhanças entre os meninos

Apoiada em Jordan (1995), Buss-Simão (2012) evidencia que uma das concepções a respeito da construção das masculinidades relaciona-se a um discurso que emoldura a masculinidade subordinada ao discurso do guerreiro ou herói. Nessa discussão, Gaudio (2013) aponta que desde muito cedo os meninos são ensinados a gostar de variados artefatos que estão ligados ao super-heróis e personagens fortes e violentos dos desenhos infantis, considerados do mundo dos meninos.

Foi possível identificar uma aproximação entre essas concepções e algumas atividades de brincadeiras dos meninos, nas quais se destacaram ações que evidenciam como os meninos, em interação no grupo de pares, reproduzem e interpretam criativamente as expectativas dessa masculinidade fundada no discurso do guerreiro ou herói.

Episódio 2: "O lutador mais forte do país"

Crianças envolvidas no episódio: Adson (6), Carlos (5,11), James (5,8), Liana (5,7)

James e Carlos brincam de luta em frente ao espelho na área da beleza e fantasias. Adson assiste à cena sentado na prateleira da cama. Ele fala para os meninos: "*Aí quando terminasse, tu queria vim mais eu. E eu sou o ...*(Não se pode compreender a fala)" A pesquisadora pergunta: "*Você é quem, Adson?*" Adson diz: "*Hã?*" Pesquisadora: "*Você é quem?*" Adson responde: "*O lutador mais forte do país!*" Ele empunha os braços para frente, como se demonstrasse força. Carlos aproxima-se de Adson e escala as prateleiras da cama, dizendo, parecendo empolgado: "*O lutador mais forte do país sou eu e o Adson!*" Os dois meninos descem da cama. Adson diz: "*Bora lá! Bora terminar a luutaaa!*" Eles e James aproximam-se do espelho. Carlos olha James através do espelho e diz que vai lutar contra ele: "*Contra... o, esse daí!*" James dá socos no ar, olhando-se no espelho. Carlos agarra James e diz: "*Vamo terminar a luta!*" [...] Carlos e James trocam

chutes leves. James fala: “*Só vai no pé é?*” Carlos fala: “*Tu só quer ir no pé é? Aqui ó!*” Nesse momento, Carlos agarra James pelas pernas e o derruba no chão. James levanta-se e Carlos dá um chute leve nele. Adson incita, batendo palmas: “*Luta! luta luta luta...*” Liana está próximo a eles, no espaço da beleza, e faz câro com Adson: “*Luta luta luta!*” Carlos e James seguem brincando de luta, agarrando-se, empurrando-se e dando chutes [...] Adson diz: “*Luta luta luta luta!*” E depois: “*Pega esse desgraçado!*” Carlos derruba James no chão. Adson fala para Carlos: “*Dá na cara dele que ele morre*” 6ª Sessão - Oficinas de Brincadeiras - 30/05/2014).

No episódio em destaque, durante a luta de Carlos e James, Adson os observa e demonstra interesse em também participar da brincadeira, evidenciado quando ele fala que seria “*O lutador mais forte do país*”. Seu gesto com os punhos cerrados representa a força do lutador.

Quando Carlos aproxima-se de Adson e diz que ele também é o lutador mais forte do país, juntamente com Adson, revela-se a intenção de evidenciar quem seria o opositor mais fraco: James, com quem Carlos já lutava. Essa ação de Carlos aproxima-se às reflexões de Buss-Simão (2012, p. 255) acerca das concepções de Jordan (1995), de que quase todos os meninos e homens querem conceber-se como guerreiros e heróis em narrativas épicas, em uma tradição que se estende de Hércules ao Super-homem, entre outros super-heróis, havendo sempre o perigo deles se identificarem com os fracos e covardes e não com os heróis.

Em continuidade, os meninos proferem “*luta luta luta luta*”, uma reinterpretação de discursos vistos em filmes e desenhos de luta, que incitam os oponentes a buscar a vitória. Liana tem a atenção chamada pela brincadeira dos meninos e também passa a incitar a luta, repetindo “*luta luta luta*”.

Esse episódio evidencia a dimensão corporal como um aspecto central nas ações das crianças, assim como indica Buss-Simão (2012), o que demonstra a exploração do corpo e de seus movimentos na construção dos modos e da imagem de lutadores dos meninos na brincadeira. As ações realizadas por Carlos e James envolviam grandes habilidades com o corpo, acompanhada também pelas verbalizações tanto deles como de Adson e também de Liana durante as ações, vinculadas a representações de lutadores e personagens valentes de ficção, o que evidencia a presença do discurso que associa os meninos à força do guerreiro.

3. CONSIDERAÇÕES

Ao longo das análises, identificou-se que, durante as *rotinas do brincar*, o uso de maquiagem, sapatos e vestidos eram temas definidores da feminilidade entre as meninas. Já entre os meninos, destacaram-se os trejeitos de “super-herói” e lutador em suas posturas corporais e gestualidades, além de representações feitas acerca do mundo masculino adulto, o que evidencia que os meninos têm conhecimentos acerca da expressão de determinadas formas de masculinidades.

Os dados gerados em campo evidenciaram que os conhecimentos e usos sobre gênero se destacam e produzem efeitos na forma como as crianças se posicionam enquanto meninos e meninas nas interações estabelecidas entre pares no contexto pesquisado, mediadas por informações reinterpretadas da própria cultura de pares e do mundo adulto.

REFERÊNCIAS

BUSS-SIMÃO, Márcia. **Relações sociais em um contexto de educação infantil**: um olhar sobre a dimensão corporal na perspectiva de crianças pequenas. 321 p. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Florianópolis, SC, 2012.

CORSARO, Willian A. Reprodução interpretativa e cultura de pares. In: MULLER, Fernanda; CARVALHO, Ana Maria Almeida. (Orgs). **Teoria e prática na pesquisa com crianças**: diálogos com William Corsaro. São Paulo: Cortez, 2009.

CORSARO, Willian A. **Sociologia da infância**. Tradução de Lia Gabriele Regius Reis. Porto Alegre: Artmed, 2011.

FERREIRA, Maria Manuela Martinho. **A gente aqui o que gosta mais é de brincar com os outros meninos!** As crianças como atores sociais e a (re) organização social do grupo de pares no cotidiano de um Jardim de Infância. Dissertação de doutoramento em Ciências da Educação, Universidade do Porto, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, 2002.

GAUDIO, Eduarda Souza. **Relações sociais na educação infantil**: dimensões étnico-raciais, corporais e de gênero. 242 p. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, Santa Catarina, 2013.

GRAUE, M. Elizabeth; WALSH, Daniel. **Investigação etnográfica com crianças**: teorias, métodos e ética. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 12ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.